



Entre a fé e as aspas: a representação da transexualidade pastoral em portais de notícias

Between faith and quotation marks: The representation of pastoral transsexuality in news portals

Alliston Fellipe Nascimento dos Santos¹

Resumo: O objetivo do artigo é demonstrar como a pastora Jacqueline Chanel, mulher trans, foi representada em portais de notícias religiosos e não religiosos que divulgaram o lançamento da primeira igreja trans do Brasil, a *Séforas*, em maio do ano de 2021, fundada e liderada por ela. Como resultados, os sites de cunho religioso utilizaram o termo pastora com o uso do recurso linguístico “aspas”. Assim, buscamos compreender como a Sociologia do Desvio (Becker, 2008) ajuda a entender as notícias veiculadas nestes portais, demonstrando uma ideologia de uma representação trans considerada desviante dos moldes tradicionais cristãos. Mostramos, ainda, que as aspas podem estar a serviço de estratégias argumentativas que influenciam o/a interlocutor/a em seu modo de ver, pensar e sentir.

Palavras-Chave: Portais de notícias. Religião. Representação social. Sociologia do Desvio.

Abstract: The aim of this article is to show how the pastor Jacqueline Chanel, a trans woman, was represented on religious and non-religious news portals that publicized the launch of the first trans church in Brazil, Sephora, in May 2021, founded and led by her. As a result, the religious websites used the term pastor with the linguistic resource “quotation marks”. Thus, we sought to understand how the Sociology of Deviance (Becker, 2008) helps to understand the news broadcast on these portals, demonstrating an ideology of trans representation considered deviant from traditional Christian molds. We also show that quotation marks can be used in argumentative strategies that influence the interlocutor in their way of seeing, thinking and feeling.

Keywords: News portals. Religion. Social representation. Sociology of deviance.

Introdução

A mídia, por meio de diferentes linguagens, pretende informar, convencer e, consequentemente, pode ser considerada como uma das principais fontes de influência social. Com o advento das novas tecnologias, a mídia tradicional, a exemplo do jornal,

¹ Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e mestre em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) pela mesma instituição de ensino. E-mail: alliston.fe@gmail.com

busca seguir as mudanças nas formas de comunicação, passando a investir em novos meios de divulgação da informação, como os portais de notícias.

Conforme Traquina (2004), o entendimento das notícias como construções sociais traz consigo a compreensão de que elas são dizeres marcados pela cultura jornalística e pela cultura em geral. Deste modo, ao produzir a notícia, a/o jornalista estabelece uma série de relações, seja com as fontes, com a sociedade ou com os membros da comunidade profissional.

Os discursos jornalísticos tornam-se expressões máximas do que é verdadeiro; e é com eles, vale dizer, que “construímos os nossos modos de compreender e ver o mundo, visões que tecem nossa percepção do outro e nossa maneira de lidar com o diferente ou o semelhante” (Resende, 2006, p.3). Traquina também afirma que as escolhas são orientadas “[...] pela aparência que a ‘realidade’ assume para os jornalistas, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (Traquina, 2001, p.87).

Neste sentido, o objeto de estudo (*corpus* da pesquisa) serão títulos de matérias jornalísticas de portais de notícias religiosos e não religiosos brasileiros que divulgaram o lançamento da igreja *Séforas*, autodenominada a primeira igreja trans do Brasil. Situada em São Paulo, a instituição religiosa, comandada por uma pastora trans, Jacqueline Chanel, foi inaugurada por meio de uma *live* em suas redes sociais, no dia 23 de maio de 2021. Com isso, o recorte temporal que fundamenta a nossa análise são matérias veiculadas entre os meses de maio e junho do respectivo ano, cujo objetivo foi noticiar o lançamento da referida igreja.

Realizamos uma análise comparativa entre portais de notícias sem cunho religioso e portais que apresentam uma premissa religiosa, evidenciando as diferenças na formulação dos títulos de uma mesma notícia. Como resultado, percebeu-se que os sites de cunho religioso utilizaram o termo pastora com o recurso linguístico das aspas, diferentemente dos sites não religiosos. Quanto ao termo ‘transexualidade pastoral’, trata-se de uma terminologia ainda pouco explorada e sem definições consolidadas, proposta especificamente para descrever o caso em questão, considerando que a identidade de gênero de Jacqueline Chanel é de mulher trans e que ela desempenha sua função pastoral no contexto religioso institucional.

Para a análise, partimos de uma premissa interseccional, buscando compreender por meio de um aporte sociológico como a teoria da Sociologia do Desvio (Becker, 2008) ajuda a compreender as notícias veiculadas nos portais de cunho religioso, demonstrando uma ideologia de uma representação trans considerada desviante dos moldes tradicionais cristãos e não genuinamente verdadeira. Para além disso, por meio de uma análise linguística, mostramos, ainda, que as aspas, de acordo com Amossy (2017), podem estar a serviço de estratégias argumentativas do/a locutor/a no momento em que seu uso implica em um distanciamento do dizer, ao mesmo tempo em que influencia a/o interlocutor/a em seu modo de ver, pensar e sentir.

Como justificativas para a execução do trabalho, entendemos que os discursos e práticas religiosas são diversas e se desenvolvem num contexto de disputa pela autoridade de definir verdades e valores; e que essas construções são sempre marcadas por questões de poder. É necessário dizer, portanto, que determinadas perspectivas, pautadas num padrão heteronormativo e heterossexista, sustentadas pela dominação de classe, raça e etnia, assumiram certa hegemonia histórica, e excluíram a perspectiva da diversidade sexual e de gênero a partir de uma leitura bíblica e teológica seletiva, que procurou justificar a exclusão da ‘experiência trans’ e de outras formas de diversidade.

A *Séforas* se encaixa no fenômeno conhecido como ‘igrejas inclusivas’. Para Carmo (2019), essas igrejas propõem, em certa medida, a desconstrução de um paradigma cristão secular em relação à comunidade LGBTQIAPN², suas experiências e vivências com o sagrado. Instituições que oferecem essa premissa surgem nos Estados Unidos na década de 1960 e existem no Brasil há mais de vinte anos, possuindo vertentes distintas e denominações heterogêneas.

“O que essas igrejas possuem em comum é o fato de integrarem um movimento religioso recente que vem resistindo e ganhando visibilidade no cenário religioso brasileiro nas últimas décadas” (Carmo, 2019, p. 463). Isso vem ocorrendo pelo fato de apresentarem um discurso de ‘inclusão’ e cidadania religiosa para ‘homossexuais cristãos’³, além de serem um reflexo da luta por direitos e reconhecimento inerentes à história dos movimentos LGBTQIAPN+. Musskopf (2002, p.163) revela que a

² Termo designado para apresentar a comunidade composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias + outras diversidades de gênero e orientação sexual.

³ Faz-se referência ao empenho desses grupos para garantirem o acesso, permanência e cultivar a religiosidade cristã, uma vez que foram historicamente e socialmente reprimidos nesses espaços.



emergência de tais igrejas inclusivas e grupos religiosos inclusivos não pode ser totalmente desconectada da luta por direitos e, muito menos, afirmar que essas mesmas igrejas e esses mesmos grupos não contribuíram significativamente para a própria constituição do movimento social e político em seu contexto e no período subsequente.

Para uma melhor compreensão do trabalho, o texto inicia falando sobre o fenômeno das igrejas inclusivas no Brasil e a proposta da Teologia *Queer*. Em seguida, aborda sobre a igreja *Séforas* e a pastora Jacqueline Chanel, partindo para a exibição dos títulos das matérias a serem analisadas. Adiante, foca na explicação do conceito norteador, no caso a Sociologia do Desvio, proposta por Becker (2008), e do uso das aspas como um recurso linguístico que traz consigo intenções argumentativas, a fim de relacionar esses conceitos às explicações para a representação da pastora Jacqueline Chanel nos *sites* de notícias propostos para a análise.

A Teologia *Queer* e as igrejas inclusivas no Brasil

O reconhecimento das disputas de narrativas entre o cristianismo hegemônico e as dissidências sexuais e de gênero não pode desprezar as contribuições da proposta indecente de Marcella Althaus-Reid, que construiu caminhos de rejeição das injustiças por meio de ‘perversões teológicas’. *Teologia Indecente* é o nome dado à sua proposta teológica *queer*, que se dá em um processo de subversão que busca tirar a ‘decência’ da hermenêutica tradicional cristã. Freire (2021) destaca que Althaus-Reid propõe uma teologia contextual, ou seja, feita a partir do ‘chão da vida’, de suas experiências, de sua biografia. A teóloga afirma que as narrativas religiosas de dissidentes sexuais e de gênero são marcadamente biográficas.

“A Teologia *Queer* é uma teologia em primeira pessoa: diaspórica, autorrevelatória, autobiográfica e responsável por todas as suas palavras” (Althaus-Reid, 2019, p.26). Ao aproximar-se dos estudos *queer*, a Teologia Indecente requer ser uma teologia contextual de gênero e sexualidade que se distancie de uma teologia branca, ocidental, androcêntrica, heterossexual e cisgênera.

Foi a partir da década de 1970, com a emergência do Movimento de Libertação Homossexual iniciado nos Estados Unidos, que surgiu como um campo de estudos a teologia *gay*, focando na experiência dos sujeitos e sua situação de opressão. Nesse contexto e levando em consideração o cenário latino-americano sob influência da

Teologia da Libertação, “diversas autobiografias foram publicadas por teólogos e militantes gays que fazem a relação entre seu engajamento político e experiência cristã” (Bach, 2021, p. 711).

O *queer* sistematizado pelo conhecimento teológico ainda é insipiente no Brasil e conta com o pioneirismo de André Musskopf (2019) por meio, principalmente, de sua tese doutoral, um marco para os estudos da Teologia *Queer* no Brasil. No campo da teologia, a homossexualidade sempre foi um tema de intenso debate. André Musskopf (2019) afirma que desde a década de 1950 já tinham sido publicados alguns estudos que levantavam como interfaces as questões de teologia e homossexualidade. Para o autor, tendo por base as reflexões de Robert Goss, teólogo e padre americano cuja orientação sexual é *home gay*, esses estudos se caracterizam por fazer um discurso apologético, buscando reconciliar a oposição das igrejas com relação à homossexualidade, “oferecendo uma interpretação teológica da homossexualidade e focando a inclusão de gays e lésbicas nas igrejas a partir de narrativas que enfatizam a ‘normalidade’ da homossexualidade” (Musskopf, 2019, p.120).

Para Natividade (2006), também estudioso brasileiro, a inserção de homossexuais nas igrejas evangélicas inclusivas destaca-se pela consideração que as instituições tradicionais fomentam, afirmando que “este pecado sexual é perpetrado por indivíduos que têm o diabo no corpo ou que estão sob influência de pombas-gira e outros exus” (Natividade, 2006, p. 119). Esses argumentos, de teor cosmológico, configuram uma percepção físico-moral da homossexualidade, na qual o pecado abre brechas na corporalidade. “O demônio instila sensações, movimentos, contrações involuntárias, [...] no momento cabe enfatizar que a luta contra a homossexualidade enseja a participação ritual e processos de purificação na resolução de um problema espiritual” (Natividade, 2006, p.119).

Consoante ao exposto acima, Natividade (2006) reforça que a homossexualidade é vista e reproduzida no pensamento religioso evangélico conservador, e até mesmo em outras religiões, como sendo expressão de uma manifestação de espíritos malignos. Tal situação que se dá como um ‘mal espiritual’ ou mesmo uma doença, que pode ser transferida para outros membros, justifica o cuidado e a necessidade de distanciar a homossexualidade de uma possível infiltração no ‘corpo evangélico’, uma vez que isso também pode representar uma ameaça.

Não é por acaso a não aceitação de pessoas LGBTQIAPN+ nesses espaços evangélicos, pois há um contexto cultural e disciplinar que acompanha tal conduta, e os leva à crença de que por trás do homossexual há um sujeito ‘normal’ e filho de Deus, como qualquer outro, porém o desafio que se dá é tentar libertá-lo ou curá-lo do mal do qual esse sujeito está sendo vítima, ou seja, o ‘homossexualismo’. Nesse sentido o pecado do ‘homossexualismo’ deve ser evitado porque permite a infestação por seres malignos (Natividade, 2006).

Enfocando não a igualdade, mas sim a diferença, as igrejas inclusivas surgem com o objetivo de articular espiritualidade e vivências *queer* –fora da chave hetero-cis-normativa. Como exemplo desse tipo de organização comunitária, podemos citar as Igrejas da Comunidade Metropolitana, denominação fundada em 1968 por Troy Perry. Para essas organizações, “o hétero patriarcado e a homofobia experimentada e mantida nas igrejas não permite uma vivência integradora da sexualidade que transformasse estas instituições” (Musskopf, 2019, p.135). Nesse contexto, Freire (2019) argumenta que teologias como a *queer*, ao oferecerem uma nova perspectiva sobre a homossexualidade, introduziram proposições que permitiram a análise e, em certos casos, a reformulação de valores tradicionais. No âmbito da sexualidade e de gênero, essas reflexões teológicas suscitaram debates que contribuíram para a criação de novas estruturas institucionais, como as igrejas inclusivas.

Como estratégia, as organizações denominadas Igrejas Inclusivas fundam seus próprios espaços de integração, “alternativo e marginal de experiência religiosa gay/*queer*” (Musskopf, 2019, p. 135). Para o estudioso, o ponto de convergência entre a teologia com a teoria *queer* não se dá somente no abandono de práticas liberacionistas que insiram gays e lésbicas no contexto social e eclesial, mas na libertação de todas as pessoas de papéis e identidades sexuais e de gênero fixas. Musskopf reflete, então, sobre as estruturas sociais, que organizadas de forma heteronormativa, provocam a “[...] invisibilidade de pessoas não-heterossexuais” (Musskopf, 2004, p. 15), e logo, as estruturas religiosas que também se organizam dessa forma, causam a invisibilidade de pessoas homossexuais no contexto religioso. Musskopf aponta, ainda, para o fato de que a temática da homossexualidade está em pauta em diversas igrejas do mundo.

É neste cenário de exclusão que ativistas LGBTQIAPN+ buscam meios para ocupar espaços em ambientes nos quais são rechaçados, a exemplo das igrejas tradicionais



conservadoras e fundamentalistas. Neste sentido, a Teologia *Queer* entra como base para demonstrar novas práticas de fé, de uma forma inclusiva, propondo uma reinterpretação dos fundamentos cristãos, a exemplo da igreja *Séforas*.

Pastora Jacqueline Chanel e a igreja Séforas

Jacqueline Chanel, nome escolhido em referência a Jacqueline Kennedy – esposa do 35.º presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, e primeira-dama entre 1961 e 1963 – e à marca de luxo francesa, tem 56 anos, é uma líder religiosa trans evangélica que “nos últimos tempos fez sua caminhada na militância pelos direitos LGBTQIA+ voltando-se contra autoridades de círculos religiosos pelos quais já andou em busca de acolhimento” (Ribeiro, 2021, n.p). Sobre a sua história de vida, Ribeiro destaca:

Veterana, porém, bem antes disso ela organizou o primeiro movimento de luta pela diversidade de gênero no Pará, no início da década de 1990. Era o MHB (Movimento Homossexual de Belém), que contou com a ajuda de Luiz Mott, professor e antropólogo, articulador do GGB (Grupo Gay da Bahia). Nascida em uma família de relações conturbadas, mas dona de fé inabalável, frequenta cultos evangélicos desde os 13 anos, quando foi deixada pela mãe na sede da Igreja do Evangelho Quadrangular (Ribeiro, 2021, n.p).

Chanel foi expulsa da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e de uma igreja pseudo inclusiva. A pastora iniciou a transição de gênero aos 23 anos e hoje vive em São Paulo, onde virou cabeleireira e maquiadora. “Quando sua mãe entregou-a, aos 13 anos, para um pastor evangélico para ‘curar’ sua transexualidade, Jacque Chanel estava longe de imaginar que quatro décadas depois abriria a primeira igreja trans no Brasil” (Presse, 2021, sp).

Conforme Ribeiro (2021), Jacqueline Chanel dedica boa parte de seus esforços ao Projeto *Séforas*, uma iniciativa criada para reunir pessoas trans e travestis que não tenham achado conforto nas igrejas evangélicas tradicionais. As atividades do grupo religioso, existente há 10 anos, por enquanto, ocorrem sob o teto da ICM-SP (Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo). *Séforas* faz referência ao nome dado à companheira de Moisés, personagem bíblico.



Imagem 1: Pastora Jacqueline Chanel (ao centro) cercada por fiéis da igreja *Séforas*
Fonte: UOL, 2021.

O espaço religioso *Séforas* acolhe, semanalmente, fiéis cujas identidades de gênero são trans e travestis. Muitas são pessoas em situação de rua, duplamente excluídas da sociedade. Entretanto, por ser uma igreja inclusiva, mesmo que grande parte de seus fiéis sejam pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, a instituição recebe pessoas de todos os gêneros, classes e orientações sexuais que se sintam acolhidas no local. Em entrevista ao G1, a pastora diz: “Vivemos em uma sociedade que nos maltrata, nos discrimina. Eu estou levando esperança, um empoderamento de pessoas trans” (Presse, 2021, n.p).

Em maio do ano de 2021 que Jacqueline Chanel foi ordenada pastora da comunidade religiosa *Séforas*. Sobre a celebração, Rodrigues destaca:

Durante a celebração religiosa, recebeu em seus ombros pela primeira vez a estola, adereço usado por sacerdotes e sacerdotisas. Ali foi ordenada pastora e deu início à *Séforas*, primeira igreja trans do Brasil. Dois pastores e uma pastora guiaram a celebração para uma plateia de três pessoas e uma câmera de transmissão ao vivo para os fiéis que acompanhavam de casa. Entre louvores e orações que se misturavam aos barulhos das ruas do centro de São Paulo (SP), o choro emocionado de Jacque ao vestir o adereço ainda podia ser escutado (Rodrigues, 2021, n.p).

A ordenação de Jacqueline Chanel como pastora da *Séforas* repercutiu na imprensa, que noticiou o evento. Portais de notícias de cunho religioso e não religioso, por exemplo, publicaram a notícia. O que chamou a atenção foi que, quase de forma



unânime, todos os portais de notícias de caráter evangélico divulgaram em seus títulos o nome pastora e *Séforas* entre aspas. Assim, o objetivo do trabalho foi realizar um mapeamento e análise comparativa do discurso jornalístico imbricado nos títulos de portais de notícias de cunho religioso e não religioso referentes ao mesmo tema, identificando e descrevendo elementos sociológicos e linguísticos por meio dessas manifestações enunciativas, buscando fundamentos de representação social.

Como recorte de pesquisa, selecionamos notícias que saíram nos meses de maio e junho de 2021; o primeiro, por se tratar do mês em que ocorreu a ordenação de Jacqueline Chanel como pastora, e o segundo por ser o mês subsequente ao evento. Por meio de buscas *on-line* utilizando a filtragem de pesquisa ‘pastora cria primeira igreja trans do Brasil’, foram encontradas seis matérias em portais de notícia de cunho religioso e seis de cunho não religioso, totalizando 12 matérias jornalísticas que abordam o evento, nos dando direcionamentos analíticos sobre a representação da pastora Jacqueline Chanel nesses portais de notícias.

A representação pastoral: análise dos portais de notícias

As novas tecnologias e a internet possibilitaram uma nova maneira de como a linguagem escrita é utilizada. No jornalismo também ocorreram transformações na forma de produzir textos. Um exemplo disso são os portais de notícias. Herscovitz (2009) define portais como os *websites* de notícias *on-line* de referência, que oferecem conteúdos editoriais semelhantes aos da imprensa, incluindo boletins de esportes e trânsito, assim como seções e *links* categorizados por temas, áreas para bate-papo, e-mails, dicas e uma variedade de serviços e produtos.

Grande parte dos portais de notícias estreou na *Internet* na década de 1990, quando esse aparato tecnológico começou a experimentar a interface ‘WWW’, com seus protocolos, a multimidialidade (texto, som, vídeo, imagem), o uso de *browsers*, como o *Internet Explorer* e o *Netscape*. Desde então, o jornalismo na *web* ou *Webjornalismo* se instaurou como prática sociocultural, ganhando novas configurações à medida que surgem propostas editoriais específicas para esse sistema midiático (Palacios, 2010; Mielniczuk, 2003).

Para Jenkins (2008), o jornalismo, inserido na conjuntura participativa midiática, tenta se adequar ao ambiente digital, e ensaia produções e estratégias para se inserir nele.

Algumas características dessa mídia na *web*, especificamente veiculadas aos portais de notícias, são a inserção de conteúdos propostos por leitores/as, os espaços para comentários das matérias, a possibilidade de compartilhamento/difusão de notícias em redes sociais.

Nesses portais de notícias, o jornalismo se tornou a maior fonte de tráfego e de acesso, aliado a uma disposição de serviços e opções de entretenimento desenvolvidas para manter a audiência conectada, assim como oferecer a ela uma sensação de pertencimento à comunidade da *internet* (Silva Jr, 2001). Entretanto, o formato é frequentemente criticado por pesquisadores/as.

Kim e Shoemaker (2007) argumentam que o portal de notícia ‘re-média’ o conteúdo das notícias, mais do que os cria. A crítica generalizada aos portais inclui também o fato de que eles disseminam informações que já estão disponíveis em suas versões impressas ou provenientes de empresas parceiras, enfatizando notícias sobre crimes e entretenimento, em oposição às notícias sobre política e economia. Além disso, há, também, uma falta de análise profunda e interpretação delas, que ficam confinadas aos *blogs*.

Outra crítica quanto aos portais de notícias, segundo Gentzkow e Shapiro (2006), assim como em mídias tradicionais, a exemplo do Jornal impresso, Rádio e TV, é que estes portais podem ter um viés na maneira como reportam notícias. Ao fazer uso de aspectos como omissão seletiva e escolha de palavras, cada fonte transmite uma impressão diferente acerca de um fato. Como consequência, pode impactar, por exemplo, a forma como os/as leitores/as percebem eventos, decisões políticas e discussões relacionadas a diferentes tópicos. Isso se aplica ao nosso objeto de análise no que tange aos sites de notícias de caráter religioso.

Num primeiro momento, foi realizado um mapeamento de portais de notícias de cunho religioso que divulgaram a ordenação de Jacqueline Chanel enquanto pastora da igreja inclusiva *Séforas*. Como resultados, foram encontrados os títulos das matérias exibidas pelos portais *Gospel Prime*, *Guia-me*, *Jornal O Evangelho*, *Povo Amazonense* e *Portal Cidade Gospel*, conforme demonstra o quadro abaixo:



PORTAL DE NOTÍCIAS RELIGIOSOS	TÍTULO DA MATÉRIA	IMAGEM DO SITE
Gospel Prime	“Pastora” trans cria primeira “igreja” para transexuais, no Brasil ⁴	
Guia-me	Primeira igreja trans é criada no Brasil por ‘pastora’ transgênero ⁵	
Jornal O Evangelho	“Pastora” trans Cria primeira “Igreja” para transexuais, no Brasil ⁶	
Bíblia TodoNotícias	«Séfora», a primeira igreja trans no Brasil criada por um «pastor» transgênero ⁷	
Povo Amazonense	“Pastora” trans cria primeira “igreja” para transexuais, no Brasil ⁸	

⁴ Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/pastora-trans-cria-primeira-igreja-para-transexuais-no-brasil/> Acesso em: 08 fev. 2024.

⁵ Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/primeira-igreja-trans-e-criada-no-brasil-por-pastora-transgenero.html> Acesso em: 08 fev. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.jornaloevangelho.com.br/noticia/pastora-trans-cria-primeira-igreja-para-transexuais-no-brasil> Acesso em: 08 fev. 2024.

⁷ Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/Pt/noticias-gospel/sefora-a-primeira-igreja-trans-no-brasil-criada-por-um-pastor-transgenero/> Acesso em: 08 fev. 2024.

⁸ Disponível em: <https://opovoamazonense.com.br/pastora-trans-cria-primeira-igreja-para-transexuais-no-brasil/> Acesso em: 08 fev. 2024.



Portal Cidade Gospel	Pastora cria primeira igreja trans do Brasil ⁹	
----------------------	---	---

Quadro 1- Mapeamento dos portais digitais religiosos que divulgaram a notícia

Fonte: Autoria própria

Conforme demonstra o quadro 1, os portais de notícias de cunho religioso identificados no mapeamento, em sua maioria, apresentam o termo pastora com o recurso linguístico *aspas*. Apenas um portal de notícia, o *Portal Cidade Gospel*, não utilizou do ‘entre aspas’ para se referir à pastora Jacqueline Chanel nem à igreja *Séforas*. Podemos inferir que isso se deu pelo fato de, apesar do nome do portal ser ‘Cidade Gospel’, fazendo referência a um aspecto religioso, assim como o portal *Povo Amazonense*, os portais não se restringem a veicular matérias de cunho estritamente religioso, mesmo sendo de caráter predominante, mas sim de outras editorias, como economia, entretenimento e esportes.

Exceto o *Portal Cidade Gospel*, todos os outros portais de notícias referem-se ao termo pastora ‘entre aspas’. Esses portais deixam claro que Jacqueline Chanel é trans e que a igreja *Séforas* é destinada a transexuais. Um fato curioso é que um dos portais de notícias, *Bíblia Todo Notícias*, nem sequer se adequa ao uso correto do termo designado pela identidade de gênero, referindo-se à Chanel como ‘pastor’, no masculino, ainda que Jacqueline Chanel se identifique como uma mulher trans, logo, reivindicando ser denominada como pastora, no feminino.

Outro ponto encontrado é que os portais de notícias *Gospel Prime*, *Jornal O Evangelho*, *Povo Amazonense* e o *Bíblia Todo Notícias*, além de colocarem *aspas* no nome pastora, também inserem o mesmo recurso gramatical para apresentar o nome da igreja, referindo-se a *Séforas*. O portal *Bíblia Todo Notícias* opta por colocar o nome da igreja na manchete, mesmo assim, com o uso das *aspas*. Logo, podemos deduzir que, assim como o uso das *aspas* na palavra pastora, seu uso no termo igreja também serve

⁹ Disponível em: <https://www.portalcidadegospel.com.br/site/pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil/>
Acesso em: 08 fev. 2024.

para desacreditar a autonomia e autoridade da líder religiosa e da sua instituição em se autodeterminar inclusiva.

Após a análise dos portais de notícias de cunho religioso que divulgaram a notícia da inauguração da Igreja *Séforas* e de Jacqueline Chanel como pastora da instituição, realizamos um levantamento de portais que não apresentam essa vertente religiosa, tentando buscar consonâncias e diferenças dos títulos apresentados. Os escolhidos foram a *Isto É*, *Ecoa Uol*, *Observatório G*, *Dol*, *Diário Centro do Mundo* e *Dois terços*.

PORTAL DE NOTÍCIAS NÃO RELIGIOSOS	TÍTULO DA MATÉRIA	IMAGEM
ISTO É	Pastora cria primeira igreja trans do Brasil ¹⁰	
ECO A UOL	Ordenada pastora, Jacque Chanel cria primeira igreja trans do Brasil ¹¹	
OBSERVATÓRIO G	Pastora transexual cria primeira igreja trans no Brasil ¹²	
DOL	Primeira igreja trans do Brasil é criada por pastora em SP ¹³	

¹⁰ Disponível em: <https://istoe.com.br/pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil/> Acesso em: 10 fev. 2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/05/27/ordenada-pastora-jacque-chanel-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil.html> Acesso em: 10 fev. 2024.

¹² Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/pastora-transexual-cria-primeira-igreja-trans-no-brasil> Acesso em: 10 fev. 2024.

¹³ Disponível em: <https://dol.com.br/tuedoide/curiosidades/655343/primeira-igreja-trans-do-brasil-e-criada-por-pastora-em-sp?d=1> Acesso em: 10 fev. 2024.



DIÁRIO CENTRO DO MUNDO	Em SP, pastora cria primeira “igreja trans” do Brasil: “Quero que meu povo se sinta acolhido” ¹⁴	
DOIS TERÇOS	Pastora cria primeira igreja trans do Brasil ¹⁵	

Quadro 2- Mapeamento dos portais digitais não religiosos que divulgaram a notícia
Fonte: Autoria própria

Conforme o quadro 2 demonstra, diferentemente dos portais de notícias de cunho religioso, esses não utilizam o recurso linguístico ‘aspas’ para se referir a pastora Jacqueline Chanel enquanto autoridade religiosa, assim como à igreja *Séforas*. Todavia, dos seis portais analisados, um refere-se à *Séforas*, em seu título, como uma igreja trans ‘entre aspas’, sendo ele o *Diário Centro do Mundo*. Além desse uso, foi o único que ampliou a divulgação do título, inserindo uma citação da Jacqueline: “Quero que meu povo se sinta acolhido” (Dias, 2021, n.p).

Apesar de o portal *Diário Centro do Mundo* se referir à *Séforas* ‘entre aspas’, assim como os demais portais sem cunho religioso, ele apresenta Jacqueline Chanel como pastora sem o uso das aspas, demonstrando que ela, de fato, é uma líder religiosa. Com exceção ao portal *Observatório G*, que se refere à Chanel como uma pastora transexual, os outros portais não se atentam à sua identidade de gênero, a apresentado somente como pastora, deixando a exemplificação de que a igreja, na verdade, era destinada, primordialmente, ao público trans.

Alguns desses portais, como *Dol* e *Diário Centro do Mundo*, evidenciam no título a localização geográfica da *Séforas*, no caso, a cidade de São Paulo. Por fim, em uma breve análise nesses portais de notícias, identificamos que apenas dois deles, o *Observatório G* e o *Dois Terços* possuem como direcionamento editorial foco na

¹⁴ Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/em-sp-pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil-que-ro-meu-povo-se-sinta-acolhido/> Acesso em: 10 fev. 2024.

¹⁵ Disponível em: <http://www.doistercos.com.br/pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil/> Acesso em: 10 fev. 2024.



diversidade sexual e de gênero, promovendo, predominantemente, pautas sobre a comunidade LGBTQIAPN+.

A representação de Jacqueline Chanel fundamentada na Sociologia do Desvio

Diante da análise dos títulos de portais de notícias de cunho religioso e não religioso sobre a inauguração da igreja *Séforas*, pudemos identificar que os de caráter religioso se configuram em características inerentes à Sociologia do Desvio, proposta pelo sociólogo Howard S. Becker (1963).

O principal objetivo de Becker, em seu livro *Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*, é propor uma teoria interacionista do desvio. O livro é um marco nos estudos sobre desvio, discutindo importantes deslocamentos, como a da ideia ‘essencializada’ de ‘crime’ para o termo desvio, com foco no indivíduo e suas relações sociais, que produzem regras e exigem seu cumprimento; da naturalização das regras para a produção social delas e os processos de imposição de rótulos sobre os que são designados como desviantes.

A partir dos anos de 1960, um novo grupo nos Estados Unidos resgatou autonomamente os princípios da Escola de Chicago (Xiberras, 1993). Ao contrário de seus predecessores, eles não focam mais na sociologia urbana, mas sim na criminologia. Suas preocupações residem em demonstrar que as medidas repressivas da sociedade não se limitam apenas aos criminosos e delinquentes; há também outras práticas que recebem sanções sociais, rotuladas¹⁶ como desviantes. Assim, suas pesquisas reforçam a ideia de que comportamentos desviantes não podem ser explicados apenas pelas características individuais, mas sim pelas interações simbólicas entre os indivíduos e a parte da sociedade que estabelece as diretrizes de normalidade.

Neste sentido, há sempre dois sistemas de ação em confronto: “O olhar da sociedade que define a categoria de desvio. O olhar dos estigmatizados, que integra a

¹⁶ Becker (2008) destaca que o patrimônio intelectual da rotulação é herança do interacionismo simbólico, escola de pensamento expressada por W. I. Thomas, G.H. Mead, Dewey etc. De forma geral, podemos dizer que a teoria da rotulagem social, uma vertente criminológica, postula que os conceitos de crime são moldados pela sociedade através de definições legais e controle social oficial, atribuindo ‘rótulos’ a certos indivíduos como autores de comportamentos desviantes. Segundo essa teoria, o crime não é inerente ao sujeito, mas sim uma construção social que resulta na marcação de determinados comportamentos como desviantes.

etiqueta [rótulo] aposta pela sociedade, mas que desenvolve, não obstante, o seu próprio ponto de vista” (Xiberras, 1993, p.116).

No caso do nosso estudo, a representação de uma pastora transexual, Jacqueline Chanel, pode ser examinada através da lente da Sociologia do Desvio para entender como as normas sociais são construídas, mantidas e contestadas em relação à identidade de gênero, religião e poder social, uma vez que nos portais de notícias de cunho religioso, a sua função pastoral é apresentada ‘entre aspas’.

Para Faugeron (1976) o desvio, por mais diverso que seja, é, essencialmente, uma diferença. “Todo fenômeno de desvio é colocado sobre, e definido pelo sinal da diferença. O desviante é essencialmente percebido e representado como sendo diferente do restante do grupo social” (Faugeron, 1976, p. 13). Relacionando-se ao nosso trabalho, podemos sugerir que o uso das aspas nos termos ‘pastora’ e ‘igreja’, encontrado nos títulos das notícias dos portais religiosos, fundamenta-se numa proposta de que Jacqueline Chanel e sua igreja afirmativa, a *Séforas*, destinada, sobretudo, às pessoas trans, mostra-se diferente dos moldes tradicionais conhecidos no âmbito do cristianismo, em que as igrejas, em sua maioria, são comandadas por pastores heterossexuais e frequentadas por fiéis, cuja predominância baseia-se na heteronormatividade.

Outro ponto levantado por Becker na Sociologia do Desvio é sobre a moralidade empreendida por alguns atores sociais para definir o que e porque determinados indivíduos sociais são ‘desviantes’. Ele reitera a necessidade de relativizar os julgamentos morais e reforça a perspectiva de que estudar o empreendedorismo moral é também uma maneira de estudar as formas de poder na sociedade.

Conforme Becker (2008), os aspectos do ‘tornar-se desviante’ revelam-se por meio do grupo social criando o desvio. O grupo faz a regra e depois a aplica à pessoa que é rotulada como ‘outsider’. Assim, a abordagem do autor em relação ao fenômeno do desvio destaca a importância da ação coletiva, na qual as normas são estabelecidas por um processo social que, coletivamente, define certos comportamentos como problemáticos. Ele vê o desvio como resultado de uma interação entre um grupo social e um indivíduo que, aos olhos desse grupo, violou uma norma, interessando-se menos pelas “características pessoais e sociais dos desviantes do que pelo processo através do qual estes são considerados estranhos ao grupo, assim como por suas reações a esse julgamento” (Becker, 1985, p. 33).

Para o autor, não importa qual seja a importância da operação de rotulação executada pelos empreendedores de moral, não se pode absolutamente considerá-la como a única explicação do que fazem, de fato, os ‘desviantes’. Conrad & Schneider (1980), afirmam que a moralidade de uma sociedade é socialmente construída; ela é relativa aos atores, ao contexto social e a um dado momento histórico.

A partir dos pressupostos de Conrad & Schneider (1980), Becker (2003) compreende que seria absurdo sugerir que ladrões à mão armada atacam as pessoas simplesmente porque alguém os rotulou como ladrões à mão armada ou que tudo que faz um homossexual é decorrente do fato de que alguém o rotulou como tal. Entretanto, uma das mais importantes contribuições desse enfoque foi chamar a atenção sobre as consequências que implicam, para um indivíduo, o fato de ser rotulado como desviante:

Torna-se mais difícil para ele prosseguir as atividades habituais de sua vida cotidiana, e essas dificuldades o incitam às ações ‘anormais’ (...) O grau em que o fato de ser qualificado de desviante conduz a essa consequência deve ser estabelecido em cada caso, por um procedimento empírico e não por um decreto teórico (Becker, 1985, p. 203).

Consoante ao exposto acima, as pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, a exemplo de Jacqueline Chanel, sofrem preconceito por parte de quem preconizasse situa numa perspectiva religiosa que pode ser definida como fundamentalista em relação à diversidade sexual e de gênero, as intitulando como ‘anormais’, ‘abomináveis’, dentre outros termos que caracterizam esse público considerado ‘desviante’ para essa parcela da sociedade. Essa rotulação incita, muitas vezes, em um abalo psicológico que interfere na busca pelos seus direitos sociais.

A representação de uma pastora transexual nos portais de notícias de cunho religioso desafia as normas sociais tradicionais em relação ao gênero e à religião. No âmbito da sociologia do Desvio podemos inferir como as normas de gênero e religião são construídas e como essa representação desafia ou subverte essas normas, muitas vezes resultando em reações de desaprovação ou marginalização por parte da sociedade, como é o caso de quem emite a mensagem inserindo as aspas nos termos pastora e igreja para se referir à Jacqueline Chanel e à *Séforas*.

A representação de Jacqueline Chanel fundamentada por pressupostos linguísticos

Neste tópico, nosso objetivo é mostrar como as *aspas* (Amossy, 2017), por meio de uma perspectiva linguística-discursiva, podem estar a serviço de estratégias argumentativas que influenciam o/a interlocutor/a em seu modo de ver, pensar e sentir. Em alinhamento com os pressupostos de Authier-Revuz, explicamos que as *aspas* são marcas de um distanciamento, a suspensão de uma responsabilidade enunciativa, mas também são marcas da presença da voz do/a outro/a que se faz presente no enunciado.

O enfoque do discurso que leva em conta sua dimensão argumentativa, conforme Amossy (2018) inclui as seguintes abordagens: *linguageira*, a partir da qual se discute os meios linguísticos empregados na argumentação, como o léxico, as modalidades de enunciação, os encadeamentos dos enunciados, as marcas do implícito, entre outros; *comunicacional*, a qual considera a situação de comunicação em que a troca é efetivada (relação interlocutiva); *dialógica*, a qual relaciona a dimensão responsiva da linguagem à argumentação, tendo em vista a interatividade, os discursos anteriores e a confrontação de pontos de vista; *genérica*, que leva em conta o tipo e o gênero do discurso em que a argumentação se inscreve, visto que tais elementos possuem particularidades/restrições e refletem as práticas sociais; *figural*, relacionada a efeitos e figuras de estilo; e a *textual*, “por meio da qual, estuda-se a construção textual em função do discurso, como os silogismos, as analogias, as estratégias de dissociação e associação, entre outras construções” (Amossy, 2018, p. 40-41).

A última abordagem do enfoque argumentativo, a *textual*, parece ser o mais característico do nosso corpus de análise, ao trazer um recurso textual (título jornalístico) como estratégia de dissociação ou associação, por exemplo, de uma mulher trans que luta para garantir seu espaço enquanto liderança religiosa inclusiva, mesmo diante das oposições de uma parcela da sociedade. Para uma pastora trans, a dissociação pode referir-se à separação entre sua identidade de gênero e sua função religiosa, isso por, historicamente, certas denominações religiosas terem normas estritas sobre identidade e papéis de gênero dentro da igreja. Nesse contexto, uma pastora trans pode enfrentar desafios significativos para reconciliar sua identidade de gênero com sua função pastoral. A dissociação pode ser uma experiência emocionalmente desafiadora, à medida que ela navega entre sua identidade pessoal e as expectativas da comunidade religiosa.

Por outro lado, a associação pode se referir à integração da identidade de gênero da pastora trans com sua espiritualidade e função religiosa, como vimos na maioria dos títulos jornalísticos exibidos pelos portais de notícias de cunho não religioso. Em algumas comunidades religiosas progressistas ou inclusivas, a associação pode significar que a pastora trans é aceita e celebrada em sua totalidade, incluindo sua identidade de gênero. Nesse contexto, a associação pode ser um processo de reunir diferentes aspectos de sua identidade e encontrar apoio e validação dentro de sua comunidade espiritual.

Authier-Revuz (2004) explica que o uso das aspas enquanto sinal de pontuação atende, de um modo geral, à finalidade de pôr em destaque algum trecho do texto, seja para citar direta e literalmente a fala de um outro, para pontuar a alternância de turno nos diálogos, para marcar estrangeirismos ou neologismos, seja para atribuir uma conotação diferente a uma expressão. Ao utilizar as aspas nos termos ‘pastora’ e ‘igreja’, os portais de notícias de cunho religioso demonstram a atribuição para uma conotação dessas palavras, as deixando no sentido figurado, não real das suas atuações sociais, isso porque o uso conotativo, em um aspecto linguístico, caracteriza-se por um uso subjetivo, livre para múltiplas interpretações, porque pode transmitir diversas mensagens ao mesmo tempo ou até diferentes mensagens, dependendo da compreensão de quem acessa seu conteúdo, no nosso caso, o/a leitor/a dos portais de notícias.

Gramaticalmente, é comum encontrarmos justificativas para o uso das aspas ligado à citação, por exemplo, havendo como função marcar termos pouco costumeiros ou, ainda, para destacar a significação, a ironia. Conforme classificam Cunha e Cintra (2001, p. 62-63), empregam-se principalmente: a) no início e no fim de uma citação para distingui-la do resto do contexto; b) para fazer sobressair termos e expressões, geralmente não peculiares à ‘linguagem normal’ de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.); c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão; d) para realçar ironicamente uma palavra ou expressão.

Consoante ao exposto por Cunha e Cintra (2001), inferimos que a utilização das aspas pelos portais de notícias religiosos acentua uma função irônica aos termos ‘pastora’ e ‘igreja’, pois esse recurso linguístico pode ser compreendido como uma forma de expressar ironia ou ceticismo em relação à aceitação ou legitimidade da identidade de gênero de Jacqueline Chanel e sua instituição religiosa, sugerindo que ambas não são ‘verdadeiras’ ou ‘legítimas’.

Amossy (2018) afirma que o antagonismo é o cerne da argumentação, sob a justificativa de que não seria necessário argumentar em favor de algo evidente, mesmo que a situação de desacordo permaneça no âmbito implícito. Nas palavras da autora: “Todo enunciado confirma, refuta, problematiza posições anteriores, quer tenham sido expressas de modo preciso por um dado interlocutor, ou de modo difuso no interdiscurso contemporâneo” (Amossy, 2018, p. 42). Esse fator revela-se no nosso objeto de análise, uma vez que o uso das aspas demonstra o posicionamento ‘implícito’ do/a seu/a interlocutor/a sobre a representação da pastora Jacqueline Chanel, na tentativa de problematizar a sua atuação pastoral por meio de sua perspectiva religiosa.

A partir de um ponto de vista linguístico, Authier-Revuz (2004) analisa situações de uso das aspas, mostrando que esses sinais revelam um tipo de heterogeneidade enunciativa e têm a função de desempenhar uma reflexão metaenunciativa do dizer. Diferentemente dos pressupostos gramaticais, Authier-Revuz (2004) apresenta uma visão na qual as aspas fazem evidenciar uma atitude de reflexão sobre o dizer, manifestando uma aptidão para colocar “o locutor em posição de juiz e de dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza” (Authier-Revuz, 2004, p. 219). Assim, a autora desvia o foco de um olhar meramente normativo do uso das aspas como sinal de pontuação para um olhar sobre o jogo polifônico que elas evidenciam.

Neste sentido, as aspas no termo ‘pastora’, quando se refere a uma pessoa trans, podem indicar que há alguma controvérsia, questionamento ou julgamento de quem está emitindo a mensagem sobre a aceitação ou legitimidade do seu título pastoral, principalmente em contextos religiosos fundamentalistas. Essa inclusão linguística pode sugerir que algumas pessoas não reconhecem (ou não querem reconhecer) plenamente a identidade de gênero da pastora Jacqueline Chanel ou podem contestar sua autoridade para exercer o seu papel religioso, refletindo em preconceitos ou discordâncias doutrinárias dentro de certas comunidades religiosas.

Considerações finais

A presente pesquisa se propôs a analisar os processos emergentes nas fronteiras entre religiosidades e tecnologias digitais pela ótica da representação da transexualidade pastoral, trazendo como destaque a pastora Jacqueline Chanel, fundadora da igreja

afirmativa *Séforas*, cujo funcionamento é na cidade de São Paulo. O intuito foi descrever como portais de notícias de cunho religioso, em paralelo aos de vertente não religiosa, utilizaram o uso das aspas, um recurso linguístico, para representar a pastora e sua instituição religiosa. É importante salientar que o termo “transexualidade pastoral” ainda não amplamente reconhecido no âmbito acadêmico, configurando-se como uma proposta inicial para descrever casos específicos, como o de líderes religiosos/as cuja identidade de gênero se alinha à transexualidade, a exemplo da pastora Jacqueline Chanel. A intenção ao introduzir/sugerir esse conceito é fomentar o debate e estimular a realização de pesquisas futuras que aprofundem seu significado, relevância e implicações no contexto religioso e social.

Por meio da Sociologia do Desvio e dos aspectos linguísticos, pudemos analisar as escolhas discursivas que indiciam o direcionamento dado pelo/a enunciar/a para a leitura desses textos, buscando elementos socioculturais e históricos que reforcem o sentido ideológico e de disputas de poder para essa prática. Para se chegar aos objetivos propostos realizamos, inicialmente, uma breve discussão sobre a visão histórica do cristianismo em relação à homossexualidade em contraponto às denominadas igrejas inclusivas, em que movimentos ativistas sociais tentam trazer, sobretudo, minorias de classes para que se sintam pertencentes a esse universo ao qual sempre foram, de alguma maneira, rechaçadas. Neste sentido, Jacqueline Chanel e sua igreja *Séforas* buscam oferecer esse sentimento aos/às seus/as fiéis, constituídos, principalmente (mas não unicamente) ao público LGBTQIAPN+.

Diante da análise, concluímos que, em sua maioria, os portais de notícias de cunho religioso descredibilizam ou, de alguma maneira, não aceitam a diversidade sexual e de gênero no ambiente religioso cristão, inserindo o uso das aspas nos termos ‘pastora’ e ‘igreja’ para fomentar o seu posicionamento contrário à ocupação de espaço por essa comunidade. Por outro lado, encontramos nos portais de notícias não religiosos, mesmo que em apenas um, também o uso das aspas para apresentar a *Séforas* enquanto uma ‘igreja trans’. Assim, notamos que em todos os ambientes, em suas proporcionalidades, ainda é preciso que a comunidade LGBTQIAPN+ lute para garantir os seus direitos e acessos a esses espaços.

É importante frisar que os resultados analíticos não são uma ‘verdade absoluta’ sobre aquilo que os portais de notícias desejam, de fato, transmitir para os/as seus/as



leitores/as. Entretanto, de forma hipotética, esses resultados baseiam-se em um contexto sociocultural, cuja religião cristã, sobretudo de vertente fundamentalista, não aceita a comunidade LGBTQIAPN+. Logo, os portais de notícias de cunho religioso podem perpassar, mesmo que de forma implícita, essa visão, induzindo, de alguma maneira, os/as leitores/as de seus portais às mesmas perspectivas sobre o assunto apresentado. Nota-se, então, a importância de uma imparcialidade no jornalismo digital, apresentando a notícia sem nenhum viés ideológico, sem subjetividades, informando o/a leitor/a com credibilidade e respeito ao que está sendo noticiado.

Por fim, concluímos que esse trabalho partiu de um pequeno recorte de estudo, mas que pode levantar outras questões sobre práticas cotidianas religiosas, imbricadas em dinâmicas contemporâneas, seja de forma presencial ou *on-line*, abrindo espaços para um debate mais aprofundado sobre as religiosidades e diversidades.

Referências bibliográficas

- AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Tradução de Angela S. M. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto, 2018. 288 p.
- ALTHAUS-REID, Marcella M. *Deus queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Heterogeneidade(s) enunciativa(s)*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 19, p. 25-42, dez. 1990.
- BACH, Luanna Fernanda da Cruz. *O feminismo pós-estruturalista e a teoria queer na Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid*. Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 36, v. 13, n. 2 (jul./dez. 2021). p. 705-723.
- BARREIROS, Fernanda. *Pastora transexual cria primeira igreja trans no Brasil*. Observatório G, 27 maio 2021. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/pastora-transexual-cria-primeira-igreja-trans-no-brasil>. Acesso em: 10 fev. 2024.



- BECKER, Howard S. *Outsiders*. Paris: A. M. Metailié, 1985. 1. ed.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 2. ed.
- CARMO, Arielson T. do. *Etnografando um grupo religioso inclusivo: reflexões metodológicas e o ser afetado*. *Religare*, v. 16, n. 2, p. 461-493, 2019.
- CONRAD, Peter; SCHNEIDER, Joseph W. *Deviance and Medicalization: from badness to sickness*. St. Louis: C.V. Mosbi Company, 1980.
- COUTINHO, Genilson. *Pastora cria primeira igreja trans do Brasil*. Dois Terços, 29 maio 2021. Disponível em: <https://www.doistercos.com.br/pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil/>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIAS, Victor. “*Em SP, pastora cria primeira ‘igreja trans’ do Brasil: ‘Quero que meu povo se sinta acolhido’*”. *Diário Centro do Mundo*. 28 maio 2021. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/em-sp-pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil-quero-que-meu-povo-se-sinta-acolhido/> Acesso em: 10 fev. 2024.
- FAUGERON, Claude *et al.* *De la deviance et du controle social (représentations et attitudes)*. Paris: Presses de COPEDITH, 1976.
- FREIRE, Ana Ester Pádua. *Armários queimados: igreja afirmativa das diferenças e subversão da precariedade*. 2019. 298 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- FREIRE, Ana Ester Pádua. *Perversão teológica: notas sobre a Teologia Indecente de Marcella Althaus-Reid*. *Periódicus*, Salvador, n. 14, v.1, nov.2020-abr.2021. p. 91-104.
- HERSCOVITZ, Heloiza G. *Características dos Portais brasileiros de Notícias*. SBPJor / Sociedade Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, 2009.
- JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- KIM, Ji Young; SHOEMAKER, Pamela. *An examination of newsworthiness indicators in online journalism: a study of South Korean online news sites*. 8th International Symposium on Online Journalism, 2007.



MIELNICZUK, Luciana. *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. 246f. Tese de doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2003.

MUSSKOP, André Sidnei. *Igrejas e grupos cristãos inclusivos e a luta por direitos*. Mandrágora, v.28, n. 1, 2022, p. 157-177.

MUSSKOPF, André Sidnei. *Talar Rosa: um estudo didático-histórico-sistemático sobre a ordenação ao ministério eclesiástico e o exercício do ministério ordenado por homossexuais*. 209f. Dissertação de mestrado em Teologia - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

MUSSKOPF, André Sidnei. Teologias Gay/Queer. In: JURKEWICZ, Regina Soares (Org.). *Teologias Fora do Armário: teologia, gênero e diversidade sexual*. São Paulo: Max Editora/Católicas Pelo Direito de Decidir, 2019. p. 114-146. 1. ed.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 61, 2006.

PALACIOS, Marcos. *Convergência e memória: jornalismo, contexto e história*. Matrizes, n. 1, p. 37-50, 2010.

“PASTORA” trans cria primeira “igreja” para transexuais, no Brasil”. *Gospel Prime*. 27 de maio. 2021. Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/pastora-trans-cria-primeira-igreja-para-transexuais-no-brasil/>. Acesso em: 08 fev. 2024.

PASTORA cria primeira igreja trans do Brasil. *Isto É*, 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil/> Acesso em: 10 fev. 2024.

“PASTORA” trans cria primeira “igreja” para transexuais, no Brasil. *O Evangelho*, 29 maio. 2021. Disponível em: <https://www.jornaloevangelho.com.br/noticia/pastora-trans-cria-primeira-igreja-para-transexuais-no-brasil>. Acesso em: 08 fev. 2024.

“PASTORA” trans cria primeira “igreja” para transexuais, no Brasil. *O povo amazonense*. 28 maio 2021. Disponível em: <https://opovoamazonense.com.br/pastora-trans-cria-primeira-igreja-para-transexuais-no-brasil/>. Acesso em: 08 fev. 2024.

PRIMEIRA igreja trans do Brasil é criada por pastora em SP. *Dol*, 04 junho 2021. Disponível em: <https://dol.com.br/tuedoide/curiosidades/655343/primeira-igreja-trans-do-brasil-e-criada-por-pastora-em-sp?d=1>. Acesso em: 10 fev. 2024.

“PRIMEIRA igreja trans é criada no Brasil por ‘pastora’ transgênero”. *Guiame.com.br*. 27 maio 2021. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/noticias/primeira-igreja-trans-e-criada-no-brasil-por-pastora-transgenero.html>. Acesso em: 08 fev. 2024.

PASTORA cria primeira igreja trans do Brasil. *Portal Cidade Gospel*, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www.portalcidadegospel.com.br/site/pastora-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil/> Acesso em: Acesso em: 08 fev. 2024.



PRESSE, France. “Jacque Chanel, a pastora irreverente por trás da primeira igreja trans do Brasil”. *GI*, 17 nov. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/17/jacque-chanel-a-pastora-irreverente-por-tras-da-primeira-igreja-trans-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 29 fev.2024.

RESENDE, Fernando. *O discurso jornalístico no contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças*. In: Encontro da Compós, XVI, Curitiba, Paraná, 2007.

RIBEIRO, Eduardo. *Jacqueline Chanel: pelo direito à fé*. Elástica. abril. 9 fev. 2021. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/jacqueline-chanel-pastora-evangelica-trans>. Acesso em: 29 fev.2024.

RODRIGUES, Paula. *Ordenada pastora, Jacque Chanel cria primeira igreja trans do Brasil*. Ecoa UOL, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/05/27/ordenada-pastora-jacque-chanel-cria-primeira-igreja-trans-do-brasil.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

«SÉFORA», a primeira igreja trans no Brasil criada por um «pastor» transgênero. *Bíblia Todo Notícia*, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/Pt/noticias-gospel/sefora-a-primeira-igreja-trans-no-brasil-criada-por-um-pastor-transgenero/>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SILVA Jr., José Afonso. *Características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo*. Dissertação de mestrado, Facom, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil. In: BARBOSA, Susana. Dos sites noticiosos aos portais locais. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, Campo Grande, MS, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do Jornalismo no século XX*. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo - porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

XIBERRAS, Martine. *As Teorias da exclusão*. São Paulo: Instituto Piaget, 1993.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 12. ed. p. 7-72.